

**2025**

Declaração de posicionamento sobre o brincar ativo ao ar livre

O brincar ativo ao ar livre promove a saúde holística e o bem-estar de pessoas de todas as idades, comunidades e ambientes – e de todo o nosso planeta. É algo fundamental diante dos múltiplos desafios globais que enfrentamos hoje (por exemplo, desigualdades sociais e de saúde, mudanças climáticas e dependência digital). Juntos, como um coletivo do campo do brincar ao ar livre, recomendamos ampliar as oportunidades para o brincar ativo ao ar livre em todos os ambientes onde as pessoas vivem, aprendem, trabalham e brincam. Para isso, é importante promover a colaboração entre setores, ambientes e sociedades para preservar, promover e valorizar o acesso equitativo ao brincar ativo ao ar livre e em contato com a natureza.

Contexto

A Declaração de Posicionamento sobre o Brincar Ativo ao Ar Livre de 2015¹ e as evidências que a sustentaram²⁻³ mostraram os benefícios do brincar ativo ao ar livre para a saúde e o bem-estar das crianças. Dez anos depois, as pesquisas sobre esse tema aumentaram dez vezes^{4,5} e houve mais financiamento para projetos⁶ sobre brincar ao ar livre. A Declaração de Posicionamento de 2015 também influenciou políticas públicas, pesquisas e práticas ao redor do mundo.⁶ Para celebrar essas conquistas, atualizar as evidências e ampliar o escopo do documento, um grupo internacional de liderança se uniu para criar a Declaração de Posicionamento sobre o Brincar Ativo ao Ar Livre de 2025,

abrangendo todas as faixas etárias e expandindo seu alcance globalmente.

A Declaração de Posicionamento de 2025 vislumbra um mundo onde o brincar ativo ao ar livre contribui para o enfrentamento de desafios globais, como crises de saúde e mudanças climáticas, ao mesmo tempo em que promove o alcance dos [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas](#).⁷ Juntos, como um coletivo do campo do brincar ao ar livre, queremos construir comunidades mais saudáveis e resilientes, tornando o brincar ativo ao ar livre parte da vida cotidiana e garantindo que todos tenham acesso e oportunidades equitativas para brincar ativamente ao ar livre.

Esta Declaração de Posicionamento propõe uma transformação sistêmica e oferece recomendações para indivíduos, comunidades e diferentes setores. Essas recomendações têm como objetivo tornar o brincar ativo ao ar livre um direito fundamental e uma parte essencial de sociedades sustentáveis.

A elaboração desta Declaração de Posicionamento foi baseada em 12 revisões sistemáticas, seis análises regionais globais, um levantamento de contexto e consultas com mais de 200 especialistas de todo o mundo, representando todos os continentes habitados.

A Declaração de Posicionamento está ancorada em nove temas-chave:

- Saúde e bem-estar
- Comportamentos de movimento
- Educação e aprendizagem
- Capital social
- Comunidade, articulações e parcerias
- Natureza e meio ambiente
- Saúde única
- Direitos humanos e políticas públicas
- Temas emergentes

Mais detalhes sobre o processo e as evidências que levaram à Declaração de Posicionamento de 2025 estão publicados no *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity* (veja os links na página 8).

O brincar ativo ao ar livre...

...nos ajuda a nos mover mais, brincar por mais tempo e dormir melhor

Quando brincamos ao ar livre, realizamos mais atividade física e reduzimos comportamentos sedentários e o tempo de tela, o que contribui para um sono melhor.^{2,8-25}

Ambientes ao ar livre podem incentivar a participação em atividades espontâneas e divertidas.^{21,25-33}

...é um catalisador para a manutenção da saúde e do bem-estar

O brincar ativo ao ar livre pode

melhorar a saúde e o bem-estar em diferentes dimensões – física, mental, social e espiritual.^{2,3,26,34-43} Brincar ao ar livre oferece oportunidades de conexão, exploração e interação saudáveis e enriquecedoras.^{34,36,38,39}

...promove a confiança, naturalmente

Ambientes ao ar livre proporcionam um espaço dinâmico para aventuras lúdicas e a exploração de riscos – um ingrediente essencial para o desenvolvimento^{3,35,44} e o envelhecimento saudáveis.⁴⁵⁻⁴⁷ Engajar-se em brincadeiras ativas e desafiadoras ao ar livre ajuda a desenvolver confiança, resiliência e habilidades de resolução de problemas, enquanto promove autonomia, bem-estar e letramento físico (motor).^{3,35,48-52}

...oferece um caminho para um planeta mais feliz e saudável

O brincar ativo ao ar livre pode conectar múltiplos setores, incluindo saúde pública, educação, recreação e meio ambiente, ao mesmo tempo em que reconhece a interconexão do bem-estar humano, animal e ambiental.⁵³⁻⁵⁷



Ele fortalece o vínculo com a natureza, contribuindo para comunidades mais saudáveis, ecossistemas mais fortes e um planeta mais sustentável.^{47,53,58,59}

...desenvolve resiliência climática e promove responsabilidade ambiental para um futuro sustentável

Participar de brincadeiras ativas ao ar livre nutre uma conexão mais profunda com a natureza e o cuidado com nosso mundo natural.⁶⁰⁻⁶⁴ As mudanças climáticas podem ameaçar as oportunidades de brincar ativamente ao ar livre, mas quando essa prática faz parte do dia a dia, ela pode fomentar uma cultura em que pessoas de todas as idades brincam, aprendem, crescem e prosperam juntas, ao mesmo tempo em que se adaptam e constroem resiliência frente às mudanças climáticas.^{54,55,57,65,66}

...conecta comunidades

Experiências conjuntas de brincar ativo ao ar livre constroem comunidades mais fortes, celebram tradições

culturais e fortalecem a diversidade, ao mesmo tempo em que promovem um senso de pertencimento.^{27,67-71} Por sua vez, comunidades sólidas proporcionam ambientes seguros e acolhedores que incentivam a cidadania, o protagonismo e o brincar ativo ao ar livre para todos.^{67,68,71-75}

...facilita diversas oportunidades de aprendizagem

O brincar ativo ao ar livre pode abrir um mundo de experiências de aprendizado ricas e práticas, despertando curiosidade, criatividade, colaboração e capacidade de resolução de problemas.^{27,41,76-79} Ele nutre a resiliência e a adaptabilidade, além de apoiar o crescimento social, emocional e cognitivo ao longo da vida.^{46,50,76,80,81}

...pode reduzir o tempo excessivo em ambientes fechados

O tempo excessivo em ambientes fechados pode contribuir para o sedentarismo prolongado, aumento do tempo de tela e exposição a poluentes internos, alergênicos e doenças infecciosas.⁸²⁻⁸⁹ O brincar ativo ao ar livre fornece um equilíbrio saudável na redução do tempo passado em ambientes fechados.^{1,29,90}



**Temas emergentes:
expandindo as
possibilidades de
brincar ao ar livre**

À medida que ampliamos o conhecimento sobre o brincar ativo ao ar livre, surgem questões novas e urgentes que desafiam o pensamento convencional e abrem portas para mudanças transformadoras. As perguntas a seguir investigam territórios inexplorados onde pesquisas, políticas públicas e práticas precisam convergir para moldar o futuro do brincar ativo ao ar livre.

>> O brincar ativo ao ar livre pode reconfigurar os padrões de movimento dos adultos?

- Como a atividade física, o sedentarismo e os padrões de sono interagem com o brincar ativo ao ar livre em adultos?
- Será que o brincar ativo ao ar livre pode ser a chave para promover o bem-estar físico e mental ao longo da vida?

>> Será que o brincar ao ar livre que envolve riscos poderia ser um elemento-chave para a neuroplasticidade?

- Assumir riscos ao ar livre – escalar mais alto, mover-se mais rápido, explorar o desconhecido – poderia, de fato, fortalecer a neuroplasticidade, o desenvolvimento cognitivo e o aprendizado, possibilitando a adaptação a novos ambientes e desafios ao longo da vida e favorecendo a recuperação após lesões?

>> Como se dá o brincar ? ativo ao ar livre ao redor do mundo?

- Como diferentes contextos culturais, ambientais e sociopolíticos moldam as formas como as pessoas se engajam em brincadeiras ativas ao ar livre?
- Como podemos compartilhar e aprender sobre as melhores práticas de diferentes regiões e culturas?

>> Como podemos aproximar a pesquisa sobre o brincar ativo ao ar livre da prática no mundo real?

- O que ainda precisa ser conectado entre o que estudamos e o que ocorre na prática?
- Como as pesquisas podem embasar melhor as políticas e práticas que promovem o brincar ativo ao ar livre?

>> As escolas e seus pátios podem ser redesenhados como espaços para o movimento, a criatividade e a aprendizagem?



- Como podemos integrar o brincar ativo ao ar livre nos sistemas formais de ensino – não apenas como uma pausa no aprendizado, mas como uma parte essencial dele?
- Como seria uma escola construída para favorecer o movimento e o brincar ao ar livre?
- Os pátios escolares poderiam cumprir um papel maior como espaços comunitários de brincadeira ao ar livre?

>> Como podemos projetar cidades que convidam à brincadeira a cada passo?

- De parques urbanos biodiversos a ruas saudáveis e brincantes, quais características do planejamento urbano tornam o brincar ativo ao ar livre irresistível, acessível e inclusivo para todos?

>> O brincar ativo ao ar livre poderia ser um canal para a sustentabilidade global?

- E se o brincar ativo ao ar livre pudesse contribuir para o enfrentamento de alguns dos maiores desafios do mundo, como as mudanças climáticas e as desigualdades sociais e de saúde?
- Como o brincar ativo ao ar livre se alinha aos [Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas](#), e que políticas poderiam amplificar seu impacto?

>> Diante das crescentes preocupações com o tempo de tela, a ansiedade e a solidão, o brincar ativo ao ar livre poderia ser um poderoso antídoto contra os efeitos adversos das redes sociais?

- Como podemos reintroduzir o movimento, a natureza e a conexão presencial em uma era digital?

Cada uma dessas perguntas tem o potencial de desafiar o senso comum e reinventar o papel do brincar ao ar livre no desenvolvimento de pessoas e comunidades mais saudáveis e resilientes. O próximo passo? Pesquisas audaciosas, políticas públicas inovadoras e compromisso com a ação!

Um chamado à ação: recomendações para promover o brincar ativo ao ar livre

>> **Sociedades:** Incentivar uma cultura que valoriza e prioriza o brincar ativo ao ar livre como parte da vida cotidiana. **Ampliar** e qualificar o acesso a espaços onde todos possam desfrutar de brincadeiras ativas ao ar livre. **Defender** a colaboração entre pesquisadores, educadores, urbanistas, profissionais de saúde e formuladores de políticas públicas para tornar o brincar ativo ao ar livre uma prioridade no campo da saúde.



>> Pesquisa e monitoramento: Investir

na coleta de dados e em sistemas de monitoramento para rastrear tendências no campo e identificar lacunas e desigualdades. **Investigar** a qualidade e a quantidade ideais de brincadeiras ativas ao ar livre para pessoas e comunidades saudáveis. **Estabelecer** relações causais entre o brincar ativo ao ar livre e indicadores de saúde e bem-estar.

>> Políticas públicas e marcos legais: Reconhecer

o acesso ao brincar ativo ao ar livre como um direito fundamental nas políticas públicas de saúde, educação, lazer e meio ambiente. **Encorajar** os governos a promulgar e defender políticas públicas que apoiem o brincar ativo ao ar livre. **Promover**, proteger, valorizar e investir em espaços favorecedores do brincar ativo ao ar livre que conectem bairros, escolas, áreas de recreação e locais de trabalho.

» Educação e escolas:

Incentivar universidades, centros de educação de jovens e adultos e espaços comunitários de aprendizagem a integrar o desenvolvimento profissional contínuo relacionado à brincadeira ativa e à aprendizagem ao ar livre em seus programas. **Garantir** tempo diário de brincadeiras ativas ao ar livre nas políticas da educação básica. **Integrar** salas de aula ao ar livre e o aprendizado baseado na natureza nos sistemas de ensino.

» Saúde pública e assistência médica:

Educar profissionais da saúde, pacientes e comunidades sobre os benefícios do brincar ativo ao ar livre para a saúde. **Integrar** o brincar ativo ao ar livre nas práticas de bem-estar e nas políticas públicas de saúde, para reduzir o sedentarismo e melhorar a qualidade de vida. **Colaborar** intersetorialmente para desenvolver estratégias locais de saúde pública que promovam o brincar ativo ao ar livre.

» Planejamento urbano:

Projetar espaços ao ar livre acessíveis, seguros e favorecedores do brincar dentro e ao redor dos bairros. **Priorizar** a conservação e a restauração de ambientes naturais que encorajem o brincar ativo ao ar livre ao projetar ou requalificar bairros. **Revisar** políticas e normas municipais para incentivar e promover o brincar ativo ao ar livre.

» Comunidades: Apoiar

e desenvolver campanhas que enfatizem a importância do brincar ativo ao ar livre como uma atividade promotora de saúde. **Apoiar** e desenvolver iniciativas que promovam a compreensão dos riscos e benefícios do brincar ativo ao ar livre. **Incentivar** as brincadeiras ativas ao ar livre entre pessoas de diversas gerações para fortalecer as conexões comunitárias.

» **Famílias: brincar** com outras pessoas e com animais de estimação para fortalecer o senso de pertencimento e a conexão com os espaços abertos. **Incentivar** e dar exemplos de como brincar ao ar livre pode ser um comportamento habitual em sua comunidade.

Apoiar a participação das pessoas de sua família em brincadeiras ativas ao ar livre, encorajando, facilitando e brincando junto.

» **Indivíduos: cuidar** e manter os espaços ao ar livre onde as brincadeiras acontecem.

Defender o acesso equitativo e a conservação de espaços verdes, seguros e amigáveis à brincadeira. Explorar e aproveitar experiências variadas em diferentes ambientes ao ar livre como parte da sua rotina diária.

Referências

1. Tremblay MS, et al. Position Statement on Active Outdoor Play. *Int J Environ Res Public Health*. 2015;12(6):6475-6505.
2. Gray C, et al. What is the relationship between outdoor time and physical activity, sedentary behaviour, and physical fitness in children? A systematic review. *Int J Environ Res Public Health*. 2015;12(6):6455-6474.
3. Brussoni M, et al. What is the relationship between risky outdoor play and health in children? A systematic review. *Int J Environ Res Public Health*. 2015;12(6):6423-6454.
4. de Lannoy L, et al. Scoping review of children's and youth's outdoor play publications in Canada. *Health Promot Chronic Dis Prev Can*. 2023;43(1):1-13.
5. de Lannoy L, et al. Scoping review of adult-oriented outdoor play publications in Canada. *Health Promot Chronic Dis Prev Can*. 2023;43(3):139-150.
6. Lawson Foundation and Outdoor Play Canada. *Funding for Outdoor Play in Canada: Environmental Scan and Summary Report*. 2021.
7. United Nations General Assembly. The 17 Sustainable Development Goals. Available from: <https://sdgs.un.org/goals>.
8. James ME, et al. Systematic review of the association between outdoor play and the 24-hour movement behaviours among children, youth and adults. In preparation.
9. Cooper AR, et al. Patterns of GPS measured time outdoors after school and objective physical activity in English children: the PEACH project. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2010;7:1-9.
10. Dunton GF, et al. Physical and social contextual influences on children's leisure-time physical activity: an ecological momentary assessment study. *J Phys Act Health*. 2011;8(s1):S103-S108.
11. Klinker CD, et al. Context-specific outdoor time and physical activity among school-children across gender and age: using accelerometers and GPS to advance methods. *Front Public Health*. 2014;2:20.
12. Lu C, Huang G, Corpeleijn E. Environmental correlates of sedentary time and physical activity in preschool children living in a relatively rural setting in the Netherlands: a cross-sectional analysis of the GECKO Drenthe cohort. *BMJ Open*. 2019;9(5):e027468.
13. Nigg C, et al. Relating outdoor play to sedentary behavior and physical activity in youth – results from a cohort study. *BMC Public Health*. 2021;21:1-12.
14. Raustorp A, et al. Accelerometer measured level of physical activity indoors and outdoors during preschool time in Sweden and the United States. *J Phys Act Health*. 2012;9(6):801-808.
15. Vanderloo LM, et al. Physical activity among preschoolers during indoor and outdoor childcare play periods. *Appl Physiol Nutr Metab*. 2013;38(11):1173-1175.
16. Wheeler BW, et al. Greenspace and children's physical activity: a GPS/GIS analysis of the PEACH project. *Prev Med*. 2010;51(2):148-152.
17. Beyer KM, et al. Time spent outdoors, activity levels, and chronic disease among American adults. *J Behav Med*. 2018;41:494-503.
18. Calogiuri G, et al. The potential of using exercise in nature as an intervention to enhance exercise behavior: Results from a pilot study. *Percept Mot Skills*. 2015;121(2):350-370.
19. Kerr J, et al. Outdoor physical activity and self rated health in older adults living in two regions of the US. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2012;9:1-4.
20. Liao Y, et al. Using ecological momentary assessment to understand where and with whom adults' physical and sedentary activity occur. *Int J Behav Med*. 2015;22:51-61.
21. Luo J, et al. Association between outdoor activity and insufficient sleep in Chinese school-aged children. *Med Sci Monit*. 2020;26:e921617-921611.
22. Murata E, et al. What daily factors affect the sleep habits of Japanese toddlers? *J Clin Sleep Med*. 2023;19(6):1089-1101.
23. Murray K, et al. The relations between sleep, time of physical activity, and time outdoors among adult women. *PLoS One*. 2017;12(9):e0182013.
24. Pasanen TP, et al. The relationship between perceived health and physical activity indoors, outdoors in built environments, and outdoors in nature. *Appl Psychol: Health Well-Being*. 2014;6(3):324-346.
25. Schamilo S, et al. Time spent outdoors and associations with sleep, optimism, happiness and health before and during the COVID-19 pandemic in Austria. *Clocks & Sleep*. 2023;5(3):358-372.
26. Christiana RW, et al. A scoping review of the health benefits of nature-based physical activity. *J Healthy Eat Act Living*. 2021;1(3):154.
27. Hartt M. Expanding the playful city: planning for older adult play. *Cities*. 2023;143:104578.
28. Noseworthy M, et al. The effects of outdoor versus indoor exercise on psychological health, physical health, and physical activity behaviour: a systematic review of longitudinal trials. *Int J Environ Res Public Health*. 2023;20(3):1669.
29. Pasanen TP, et al. Restoration, well-being, and everyday physical activity in indoor, built outdoor and natural outdoor settings. *J Environ Psychol*. 2018;59:85-93.
30. Thompson Coon J, et al. Does participating in physical activity in outdoor natural environments have a greater effect on physical and mental wellbeing than physical activity indoors? A systematic review. *Environ Sci Technol*. 2011;45(5):1761-1772.
31. Kemple KM, et al. The power of outdoor play and play in natural environments. *Child Educ*. 2016;92(6):446-454.
32. Lee E-Y, et al. Systematic review of the correlates of outdoor play and time among children aged 3-12 years. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2021;18(1):41.
33. Lee JJ, et al. The role of timing and amount of outdoor play in emotional dysregulation in preschool children. *Child Care Health Dev*. 2025;51(1):e70020.
34. de Lannoy L, et al. Active outdoor play and health and wellbeing among children, youth, and adults: an umbrella review. In preparation.
35. Ramsden R, et al. What is the relationship between outdoor risky play and health in children? results from a systematic review. In preparation.
36. Al-Amin M, et al. A holistic perspective on children's health: A review on the benefits of nature-based recreational activities. *J Outdoor Environ Ed*. 2024:1-32.
37. Dankiw KA, et al. The impacts of unstructured nature play on health in early childhood development: A systematic review. *PLoS One*. 2020;15(2):e0229006.
38. Lackey NQ, et al. Mental health benefits of nature-based recreation: a systematic review. *Ann Leis Res*. 2021;24(3):379-393.
39. Pomfret G, et al. Conceptualising the power of outdoor adventure activities for subjective well-being: A systematic literature review. *J Outdoor Recreat Tour*. 2023;42:100641.
40. Thomsen JM, et al. A systematic review of the physical and mental health benefits of wildland recreation. *J Park Recreat Adm*. 2018;36(1).
41. Rosiek MA, et al. A comparison of the effects of outdoor physical activity and indoor classroom-based activities on measures of executive function in preschoolers. *Int J Early Child*. 2022;54(2):203-215.
42. Sugiyama M, et al. Outdoor play as a mitigating factor in the association between screen time for young children and neurodevelopmental outcomes. *JAMA Pediatr*. 2023;177(3):303-310.
43. Walters G, et al. Outdoor physical activity is more beneficial than indoor physical activity for cognition in young people. *Physiol Behav*. 2025:114888.
44. Brussoni M, et al. Risky play and children's safety: balancing priorities for optimal child development. *Int J Environ Res Public Health*. 2012;9(9):3134-3148.
45. Brymer E, et al. One Health: The well-being impacts of human-nature relationships. *Front Psychol*. 2019;10:1611.
46. Hornby O, et al. What factors explain extreme sport participation? A systematic review. *Front Sports Act Living*. 2024;6.
47. Lee E-Y, et al. Play, Learn, and Teach Outdoors-Network (PLaTO-Net): terminology, taxonomy, and ontology. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2022;19(1):66.
48. Veitch J, et al. Individual, social and physical environmental correlates of children's active free-play: a cross-sectional study. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2010;7:11p.
49. Caldwell HAT, et al. Impact of an outdoor loose parts play intervention on Nova Scotian preschoolers' physical literacy: a mixed-methods randomized controlled trial. *BMC Public Health*. 2023;23(1):1126.
50. McArdle K, Harrison, T. Does a nurturing approach that uses an outdoor play environment build resilience in children from a challenging background? *J Adventure Educ Outdoor Learn*. 2013;13(3):238-254.
51. Sando OJ, et al. Risky play and children's well-being, involvement and physical activity. *Child Indic Res*. 2021;14(4):1435-1451.
52. Jerebine A, et al. "All the fun stuff, the teachers say, 'that's dangerous!'" Hearing from children on safety and risk in active play in schools: a systematic review. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2022;19(1):72.
53. Lee E-Y, et al. PLAY+ (Play, Land, Animals, You and +) Framework: the roles of active outdoor play in advancing One Health.
54. Siefken K, Abu-Omar K. Striking a balance: Physical activity and planetary health. *J Phys Act Health*. 2023;20(12):1081-1083.
55. Gelius P, et al. Physical activity as a victim, a perpetrator, or part of the solution to the climate crisis? *J Phys Act Health*. 2024;21(12):1220-1222.
56. Gelius P, et al. Must we tell people to be less active? The dilemma of physical activity recommendations from a holistic health perspective. *Ger J Exerc Sport Res*. 2024;54(1):21-28.
57. Lee E-Y, Tremblay MS. Unmasking the political power of physical activity research: Harnessing the "apolitical-ness" as a catalyst for addressing the challenges of our time. *J Phys Act Health*. 2023;1-3.
58. Mygind L, et al. Mental, physical and social health benefits of immersive nature-experience for children and adolescents: A systematic review and quality assessment of the evidence. *Health & Place*. 2019;58:102136.
59. Nejade RM, et al. What is the impact of nature on human health? A scoping review of the literature. *J Glob Health*. 2022;12:04099.
60. de Lannoy L, et al. A mixed-methods systematic review of the association between active outdoor play and environmental stewardship outcomes among children, youth, and adults. In preparation.
61. Deal PJ, Magyar-Russell GM. A qualitative study of sanctification: How nature becomes sacred for nontheistic environmental activists. *Spiritual Clin Pract*. 2022;9(1):40-54.
62. Human N, Steyn BJM. Psychological transformation of the 'self' towards eco-sensitivity through high-risk nature-based sports: a South African context. *J Adventure Educ Outdoor Learn*. 2024;24(4):566-579.
63. Jensen JL, Sørensen EB. Recreation, cultivation and environmental concerns: Exploring the materiality and leisure experience of contemporary allotment gardening. *Leis Stud*. 2020;39(3):322-340.
64. Ludwig S. Women's transformative experiences while distance running in nature: An intuitive inquiry. *Qual Psychol*. 2019;6(3):339-358.
65. Lee E-Y, et al. Ambient environmental conditions and active outdoor play in the context of climate change: A systematic review and meta-synthesis. *Environ Res*. 2025;122146.
66. Lee E-Y, et al. Exploring the interplay between climate change, 24-hour movement behavior, and health: a systematic review. *J Phys Act Health*. 2024;21(12):1227-1245.
67. Park S, et al. Systematic review and qualitative meta-synthesis on (active) outdoor play and social capital: Relationships and impacts. In preparation.
68. Rivas-Quarneti N, et al. Politicizing children's play: a community photovoice process to transform a school playground. *Am J Occup Ther*. 2024;78(7):1-10.
69. Sterman JJ, et al. Mothers supporting play as a choice for children with disabilities within a culturally and linguistically diverse community. *Scand J Occup Ther*. 2020;27(5):373-384.
70. Veitch J, et al. Where do children usually play? A qualitative study of parents' perceptions of influences on children's active free-play. *Health & Place*. 2006;12(4):383-393.
71. Perry M, et al. "Enticing" but not necessarily a "space designed for me": experiences of urban park use by older adults with disability. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(2).
72. Moogoor A, et al. Neighbourhood environmental influences on older adults' physical activities and social participation in Singapore: A photovoice study. *Soc Sci Med*. 2022;310(ut9, 8303205):115288.
73. Puhakka R. University students' participation in outdoor recreation and the perceived well-being effects of nature. *J Outdoor Recreat Tour*. 2021;36:1-9.
74. Satija A, et al. Physical activity among adolescents in India: a qualitative study of barriers and enablers. *Health Educ Behav*. 2018;45(6):926-934.
75. McRae N, et al. The state of play in outdoor play – Exploring global Indigenous knowledge of outdoor play: a scoping review. In preparation.
76. Dean SN, et al. Teacher implementation of active outdoor play-based learning: A systematic review of pedagogical models and practices. *Rev Educ Res*. Under review.
77. Burson SL, Castelli DM. How elementary in-school play opportunities relate to academic achievement and social-emotional well-being: systematic review. *J Sch Health*. 2022;92(10):945-958.
78. Molyneux TM, et al. Choose your own adventure: promoting social and emotional development through outdoor learning. *Early Child Educ J*. 2023;51(8):1525-1539.
79. Miller N, et al. The perceived benefits of and barriers to nature-based play and learning in South Australian public primary schools: a cross-sectional study. *J Adventure Educ Outdoor Learn*. 2022;22(4):342-354.
80. Walter P. Greening the net generation. *Adult Learn*. 2013;24(4):151-158.
81. Smith ES, Dalmer NK. Understanding older adults' participation in outdoor adventure activities: a scoping review. *J Adventure Educ Outdoor Learn*. 2023;1-22.
82. Wu J, et al. Sedentary behavior patterns and the risk of non-communicable diseases and all-cause mortality: A systematic review and meta-analysis. *Int J Nurs Stud*. 2023;146:104563.
83. Xu C, et al. Sedentary behavior, physical activity, and all-cause mortality: dose-response and intensity weighted time-use meta-analysis. *J Am Med Dir Assoc*. 2019;20(10):1206-1212.e1203.
84. Young R, et al. Individual and social determinants of obesity in strategic health messages: Interaction with political ideology. *Health Commun*. 2016;31(7):903-910.
85. Dzakpasu FQS, et al. Musculoskeletal pain and sedentary behaviour in occupational and non-occupational settings: a systematic review with meta-analysis. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2021;18(1):159.
86. Leask CF, et al. Exploring the context of sedentary behaviour in older adults (what, where, why, when and with whom). *Eur Rev Aging Phys Act*. 2015;12(1):4.
87. Wachira L-J. Lifestyle transition towards sedentary behavior among children and youth in Sub-Saharan Africa: a narrative review. In: Marques A, Gouveia ER, eds. *Sedentary Behaviour - A Contemporary View*. Rijeka: IntechOpen; 2021.
88. Biswas A, et al. Sedentary time and its association with risk for disease incidence, mortality, and hospitalization in adults. *Ann Intern Med*. 2015;162(2):123-132.
89. Pillarsetti A, et al. Indoor air pollution and health: bridging perspectives from developing and developed countries. *Annu Rev Environ Resour*. 2022;47:197-229.
90. Cardinali M, et al. Green walls and health: An umbrella review. *Nature-Based Solutions*. 2023;3.

Agradecimentos

AOP10 - Comitê Executivo

Mark Tremblay
CHEO Research Institute
Canadá

Eun-Young Lee
Queen's University, Canadá
Yonsei University, Coreia do Sul

Louise de Lannoy
Outdoor Play Canada
Canadá

AOP10 - Grupo de Liderança

Dina Adjei Boadi
University of Ghana, Gana

Maeghan James
CHEO Research Institute
Canadá

Leigh Vanderloo
ParticipACTION, Canadá

Maria Isabel Amando de Barros
Instituto Alana, Brasil

Robyn Monro Miller
International Play Association
Austrália

Po-Yu Wang
National Taiwan Normal University, Taiwan

Scott Duncan
Auckland University of Technology, Nova Zelândia

Laerke Mygind
Copenhagen University Hospital, Dinamarca

A tradução do texto original em inglês do AOP10 foi realizada por

Maria Isabel Amando de Barros
Instituto Alana, Brasil

Regina Cury
Metatexto, Brasil

Márcia Pinto
Metatexto, Brasil

AOP10 - Publicações

- **2025 Position Statement on Active Outdoor Play:** <https://doi.org/10.1186/s12966-025-01813-9>.
- **2025 Position Statement - Process and Methodology:** <https://doi.org/10.04.162/s12966-025-01806-8>

AOP10 - Parceiros

CHEO RESEARCH INSTITUTE
INSTITUT DE RECHERCHE

Healthy Active Living and Obesity Research Group
Recherche sur les saines habitudes de vie et l'obésité



AOP10 é suportado por

**LAWSON
FOUNDATION**



Funded by the
Government
of Canada

Financé par le
gouvernement
du Canada

Canada 

ACTIVE FOR LIFE 

